

**Meio-irmão**



Lars Saaybe Christensen

# Meio-irmão

Tradução do norueguês

**Sissel Bjørnstad Cardona**



## *Halvbroren* / Meio-irmão

**Autor:** Lars Saabye Christensen  
© J.W. Cappelens Forlag a.s 2001

**Tradução:** Sissel Bjørnstad Cardona

**Revisão literária:** Cecilie Bjørnstad Cardona  
**Revisão de texto e literária:** Helder Guégués

**Capa:** Miss Sushie

**Paginação:** Gabinete Gráfico Cavalo de Ferro

1.ª edição, Junho de 2007

**Impressão e Acabamento:** CEM Artes Gráficas

**Depósito Legal:** 2607 98/07

**ISBN:** 978-989-623-047-0

**Todos os direitos para publicação  
em língua portuguesa reservados por:**

© **Cavalo de Ferro Editores, Lda.**

Rua da Prata, n.º 208, 2.º  
1100-422 Lisboa

**[www.cavalodeferro.com](http://www.cavalodeferro.com)**

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida  
sob qualquer forma ou por qualquer processo  
sem a autorização prévia e por escrito do editor,  
com excepção de excertos breves  
usados para apresentação e crítica da obra.

**A edição deste livro foi possível  
graças a um apoio de tradução do NORLA.**

## **AS MULHERES**



## (O APARTAMENTO)

Boletta, mãe de Vera, estava longe de ser uma mulher religiosa, antes pelo contrário, já tinha milagres que lhe chegassem, mas agora abriu a porta para a varanda estreita sobre Gørbitzgate, postou-se lá e desfrutou aquele instante por tudo o que valia: os sinos da igreja que tocavam em unísono por toda a cidade, Majorstuen, Aker e Fagerborg, conseguia ouvir até os de Sagene e Uranienborg, aquele som suave e feroz que era como que elevado pela luz e pelo vento e se erguia numa entoação imensa que, de uma vez por todas, iria calar o eco branco e agudo do alarme antiaéreo. — Podes fechar a porta? Faz corrente de ar! — Boletta voltou-se para a porta, quase ofuscada. A escuridão lá dentro ficou ainda mais profunda. Os móveis escuros pareciam sombras pesadas que se deixavam mover, aparafusados pelo duro tiquetaque do relógio no corredor. Teve de proteger os olhos por uns segundos. — Tinhas pensado em ficarmos constipadas logo hoje? Passámos bem durante toda a guerra! — Não precisa de gritar comigo, mãe.

Boletta fechou a porta da varanda e viu que a Velha estava junto à estante. Estava ali, vestida com a sua combinação até aos tornozelos e as suas pantufas de veludo vermelhas e tirava livros que deitava na salamandra, enquanto falava rápida e insistentemente consigo própria. O lamento dos sinos de igreja reduziu-se a um único canto. Boletta aproximou-se devagar. — O que está a fazer, mãe?

Mas a Velha não respondeu, ou não ouviu, e foi por isso que não respondeu. A Velha era surda de um dos ouvidos e o outro

também não funcionava como devia. A lesão tinha acontecido quando Filipstad explodiu em Dezembro de 43. A Velha estava sentada na sala de jantar e rodava o botão do rádio para a frente e para trás, rádio que se tinha recusado a entregar, alegando que era uma cidadã dinamarquesa e que pretendia apenas ouvir programas de Copenhaga. Ela asseverava que a explosão tinha saído do altifalante com potência redobrada, acompanhada de uma desinibida banda de *jazz* da América e, assim, a bigorna do seu ouvido esquerdo ficou esmagada, enquanto o estribo do outro ficou deslocado. No seu íntimo, Boletta estava convencida de que os ouvidos da mãe funcionavam perfeitamente, mas que ela se reservava o direito de ouvir apenas o que queria ouvir. Agora via que eram os romances de Knut Hamsun que a Velha tirava das prateleiras e enfiava dentro da salamandra verde. — O que é que estás a fazer?! — gritou Boletta uma vez mais e agarrou a mãe pelo braço. — Estou a acabar com o Hamsun! — Hamsun? Tu amas o Hamsun! — Já não o leio há cinco anos! E ele devia ter saído desta casa há muito tempo! — A Velha voltou-se para a filha. Agitou os *Frutos da Terra em* frente à sua cara. — E especialmente depois do que escreveu no jornal! — O que é que ele escreveu?

A Velha atirou, também, os *Frutos da Terra* na salamandra e foi buscar a edição vespertina do jornal *Aftenposten* do dia anterior. Bateu com o indicador na primeira página de tal forma que quase abriu um buraco no papel. — Agora vou-te dizer à letra o que o miserável escreveu! *Nós, os seus apoiantes chegados, curvamos agora as nossas cabeças perante a sua Morte.* — A Velha olhou para cima. — Consegues imaginar uma altura pior para escrever a necrologia de Hitler? Além disso, ele nunca deveria ter uma necrologia! Devíamos era dançar na campa dele!

Largou o jornal na salamandra e atacou de novo a estante com uma raiva crescente. O seu longo cabelo grisalho erguia-se como um fino leque à sua volta, ela praguejava por cada livro das obras completas de Hamsun que deitava fora, e eu gostava de ter visto isto: a Velha, a nossa bisavó, que a 8 de Maio de 1945 eliminou todos os vestígios do vencedor do prémio Nobel na sala em Kirkeveien. Mas, de repente, parou, no momento em que ia deitar o último volume da trilogia «August», *Mas a Vida Vive*, e ficou parada com esta primeira edição na mão enquanto se inclinava, silenciosamente, sobre a estante e tirava, com cuidado, outra coisa que se escondia por trás dos livros do traidor, um málgaga de 1936 intacto. A Velha levantou a garrafa com cuidado e esqueceu, por um ins-

tante, Hamsun e toda a sua índole. Boletta aproximou-se para ver o que era. — E eu que a procurei por todo o lado — suspirou a Velha. — No cesto de roupa suja. No armário dos fusíveis. Na cisterna. Então, está aqui, graças a Deus, mesmo nas costas curvas do «August!» — Deu um beijinho na garrafa e voltou-se de novo para a estante de livros. — Obrigada pela companhia, Knut. Agora, os nossos caminhos separam-se!

Ela espreitou por trás do Herman Bang e Johannes V. Jensen, não fossem lá estar, também, algumas garrafas, mas não, nem mesmo por trás das obras completas de Ibsen. A Velha já estava a caminho da cozinha. Boletta agarrou-a de novo. — Foste tu que a escondeste na estante? — perguntou. A Velha olhou para ela de olhos arregalados. — Eu? Se assim fosse já a tinha descoberto há muito tempo e tinha-a bebido antes de o Hitler invadir a Polónia! Tu é que a deves ter posto lá. — Boletta aproximou-se do seu ouvido mais são. — Por acaso, não escondeu outras coisas por aí, não?

Mas a Velha não ouviu nada disto e começou a rodar a rolha com os seus dedos encurvados e enrugados e Boletta teve de segurar a garrafa, enquanto a Velha virava e puxava e assim ficaram por muito tempo, a forçar e a ansiar. Mas, de repente, a Velha soltou as mãos e olhou para si, como se só agora se tivesse apercebido de que não estava vestida. Tirou a garrafa de Boletta e parecia quase ofendida consigo própria. — Não se bebe um málagá de 1936 em roupa interior! Que é feito da Vera? Quero o meu vestido já!

Boletta voltou-se de súbito para o relógio oval que estava sobre a mesinha do corredor, o relógio mágico da companhia de seguros Bien, onde em cada mês, sempre no primeiro sábado, colocávamos o prémio do seguro, razão pela qual acreditei por muito tempo que era o dinheiro que fazia as horas passarem. Boletta aproximou-se mais. Não podia ser tão tarde. Não estava bem. Vera já devia estar cá em baixo com a roupa há muito. O relógio adiantou-se, talvez não tivesse aguentado a pressão do dia anterior e saltado algumas horas, enquanto soltavam os prisioneiros de Grini e o general Rediess fechava a porta do segundo andar do Skaugum, enfiava a pistola na boca o mais que podia e disparava. Boletta conseguia ouvir vagamente o barulho das rodas dentadas dos segundos e as moedas que ainda tilintavam na gaveta por baixo do mostrador do relógio.

Olhou rapidamente para o seu relógio. A hora estava certa. — Vou ver o que ela está a fazer. — Vai. Enquanto isso vou temperar alguns copos. — Boletta parou e olhou veemente para a mãe. — Não tocas na garrafa antes de nós descermos! — A Velha apenas sorriu. —

Alegra-me ver o rei Haakon outra vez. Quando é que voltará? — Boletta aproximou-se do outro ouvido. — Não se atreva a tocar-lhe! Antes de eu e de a Vera descermos! — A Velha beijou a filha e tremeu. — Acho que vou acender a salamandra. A guerra deixou as paredes frias.

Boletta suspirou, pôs um xaile pelas costas, saiu apressada do apartamento e começou a subir as escadas íngremes.

### (O POMBO)

A porta do sótão está aberta. Está tão silencioso. Boletta não ouve as vozes, a música da cidade, das ruas, nem o vento que sempre faz que as paredes dêem de si, como se o prédio se movesse um pouco de cada vez que o vento sopra. — Vera? — chama. Mas ninguém responde. Ele segue pelo corredor, passa por todas as arrecadações, cobre-se melhor com o xaile. Há corrente de ar, mas o vento está silencioso. Cai pó claro das altas vigas do tecto. — Vera? — chama de novo.

Porque não responde? Talvez tenha dado uma escapadela a Majorstuen. Impossível. Boletta ri-se. Como se a Vera fosse de escapadelas! Com certeza perdeu-se de novo em sonhos. E hoje é permitido perder-se em sonhos. Hoje é permitido esquecer e amanhã poder-se-iam lembrar apenas do que quisessem. Hoje pode-se fazer tudo. De repente, Boletta gela. Um carrinho de bebé cheio de lenha está tombado à sua frente.

Ela pára. — Vera? — Nem mesmo os pombos arrulham. O silêncio é redobrado. A porta para o nosso estendal ainda vibra nas dobradiças. E, então, ouve algo: um rangido constante, parece um zumbido, um enxame de insectos que se aproxima cada vez mais, mas que é impossível ver. É um som que nunca mais irá esquecer. Boletta empurra o carrinho de bebé para o lado, corre o último troço e pára sem fôlego no vão da porta. Assim encontra a sua filha. Vera está sentada de cócoras junto ao cesto da roupa. No colo segura o vestido recém-lavado e passa a mão sobre ele, uma e outra vez, enquanto trauteia baixinho, como se um som distorcido estivesse preso ao seu peito. Boletta vai devagar ao seu encontro. Vera não ergue os olhos. Olha fixamente para as mãos dela, que alisam o fino tecido, cada vez mais rápido. — O que tens, Vera?

Vera desvia o olhar, esfrega os dedos contra o vestido azul. Boletta ajoelha-se frente à filha e pousa a mão com força no seu colo para a fazer parar. Ela quase fica irritada, bem podia sacudi-la um pouco, mas este não é um dia propício a agitação e repri-

mendas. Tenta rir-se. — A Velha encontrou uma garrafa de Málaga por trás do Hamsun. E não quer bebê-la antes de pôr o vestido. Vens? — Vera vira-se lentamente para a mãe e sorri. O rosto, os lábios, estão retorcidos, a face esquerda inchada. Tem uma ferida nas têmporas, por baixo do cabelo. Mas o pior ainda são os olhos. Estão muito abertos e transparentes e olham para nenhures.

Boletta está prestes a gritar. — Querida, pequenina. O que aconteceu? — Vera trauteia. Vera inclina a cabeça e trauteia. — Caíste? Caíste da escada? Minha querida, diz alguma coisa, Vera! — Vera fecha os olhos e sorri. — Lembra-te de soltar o pombo — disse.

E agora Boletta sente que o vestido novo está húmido e pegajoso. Puxa a mão para si. Os dedos estão escuros de sangue. — Pombo? Que pombo?

Mas Vera não responde. Vera, a nossa mãe, tomou posse do silêncio e não falou durante oito meses e treze dias. Lembra-te de soltar o pombo, foi a última coisa que disse. E Boletta olha para cima, enquanto o sangue pinga da sua mão. O sol na clarabóia partiu já há muito. A sombra cai como um pilar de pó preto oblíquo através do quarto. E, na corda da roupa, mesmo por cima delas, está o pássaro cinzento imóvel.

Boletta sacudiu a mão. — Por amor de Deus! O que fizeste com todo este sangue! — Vera encosta-se à mãe, que levanta a filha devagar e a carrega ao longo do corredor, a descer a escada, o medo abandonou Boletta, aquela pequena pessoa, forte e fora de si. Uma delas chora, ou ambas talvez, e Vera não quer soltar o vestido ensanguentado. As molas caem do bolso do seu avental a cada passo que a mãe dá e deixam um rasto atrás de si. Boletta pouco se importa, pode apanhá-las depois quando for buscar o cesto da roupa que está no sótão. E lembro-me do pássaro que encontramos ao fundo da arrecadação uma noite, Fred e eu encontrámo-lo, um pombo inteiriçado e mirrado, como uma múmia com penas, daquela vez em que Fred comprou um caixão e ia experimentar a morte, mas ainda faltam muitos anos para isso acontecer.